

O SENHOR BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS

Max Frisch

Duração 1h40m

M/12

Uma moralidade sem doutrina

Confrontados com uma peça estreada em 1958, somos inevitavelmente convocados a procurar os seus ecos na contemporaneidade. A cada leitura, confirma-se a intuição de que a natureza humana pouco se altera e que os ciclos históricos se repetem com inquietante familiaridade. O texto de Max Frisch revela-se assim um espelho deformante, onde se cruzam o passado e o presente, a sátira e a tragédia, a lucidez e o absurdo.

As leituras possíveis multiplicam-se: da alegoria moral sobre a ascensão do Nazismo e dos regimes totalitários da primeira metade do século XX, à premonição das novas formas de populismo e de nacionalismo autocrático que hoje nos assombram. Entre o grotesco e o trágico, Frisch constrói uma parábola sobre o conformismo, a hipocrisia moral e o medo — forças que moldam o comportamento humano quando este se vê ameaçado na sua posição social.

Biedermann, “o chefe máximo do pessoal mínimo”, é o protótipo do burguês respeitável: indignado com a desordem do mundo, exigente com os outros e indulgente consigo próprio. Proclama justiça implacável para os “vândalos” da sua cidade, mas refugia-se numa bondade de fachada, incapaz de reconhecer o mal que o rodeia — e que ele próprio alimenta. Por medo de perder o seu estatuto, aceita o inaceitável, torna-se cúmplice da destruição que o

consumirá. A peça interroga: que faz um homem, acossado pelo medo, para preservar o seu lugar no mundo? E, mais profundamente, que espécie de homem é esse?

Como Brecht, Frisch propõe um teatro que não consola, mas convoca à reflexão — sobre a sociedade, a moral e a responsabilidade individual. Porém, recusa oferecer respostas. O que permanece é o espaço do debate, a inquietação. Contudo, talvez não tenha sido a dimensão política ou filosófica a despertar-nos o primeiro fascínio. O que sobressai à primeira leitura é a inteligência da comédia — o virtuosismo do cómico de situação e de linguagem, o absurdo que revela o ridículo humano. Na ironia e no jogo teatral, Frisch oferece uma carpintaria dramaturgica de precisão: o teatro dentro do teatro, o riso que se aproxima do abismo.

É nessa ambiguidade — entre a farsa e a parábola, entre o riso e a catástrofe — que *O Senhor Biedermann e os Incendiários* se afirma como uma das obras mais vivas de Frisch. Uma peça sobre o mundo, sobre a eterna tentação da cegueira e sobre a fragilidade ética que nos habita. E assim, enquanto o fogo consome a cidade, rimo-nos. Talvez porque, no fundo, reconhecemos em Biedermann algo de familiar — e preferimos não pensar demasiado no que faríamos se estivéssemos no seu lugar.

TRADUÇÃO

DIREÇÃO

INTERPRETAÇÃO

Jorge Silva Melo

Filipe Abreu e Miguel Maia

*Ana Brandão, Filipe Abreu,
Paulo Duarte Ribeiro, Miguel
Maia, Lúcia Pires, Rita Silvestre,
Vitor d'Andrade, Wagner Borges*

Direção Artística:
Filipe Abreu e Miguel Maia

Produção:
Raquel Rolim Batista

Pré-produção:
*Beatriz Sousa e
Lara R. Santos*

Comunicação:
Sónia Godinho

Assessoria de Imprensa:
Mafalda Simões

Fotografia:
Sónia Godinho

Design Gráfico:
Edoardo U. Trave

Registo audiovisual:
James Newitt

Classificação etária do festim M/12

Para mais informações contactar:
companhia@cepatorta.org
(+351) 924 744 056

Programação completa em:
www.cepatorta.org/eng25

Créditos da imagem
© Edoardo U. Trave
edoardotrave.eut@gmail.com

 *estanoitegrita.se*
 *estanoitegrita.se*

Financiado por:



CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

*dg*ARTES DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



Apoios:



Lagos
de descobertas



Parceiros:



Parceiro media:



esta noite GRITA-SE



O SENHOR BIEDERMANN E OS INCENDIÁRIOS

Max Frisch